**Bruno Latour — Isto é um ensaio geral?[[1]](#footnote-2)**

Trad. [João Pedro G](https://medium.com/@garcez.joaop?source=post_page-----8b6e63a19250----------------------)arcez –2020m[ar26](https://medium.com/@garcez.joaop/bruno-latour-isto-é-um-ensaio-geral-8b6e63a19250?source=post_page-----8b6e63a19250----------------------)

Uma imagem contendo foto, grande, relógio, grupo

Descrição gerada automaticamente

A coincidência imprevista entre um confinamento geral e o período da Quaresma ainda é bastante bem-vinda para aqueles que foram solicitados, por solidariedade, a não fazer nada e permanecer à distância da frente de batalha. Esse jejum obrigatório, esse Ramadã secular e republicano, pode ser uma boa oportunidade para refletir sobre o que é importante e o que é irrisório... É como se a intervenção do vírus pudesse servir como um ensaio geral para a próxima crise, aquela em que a reorientação das condições de vida será posta como um desafio para todos nós, assim como todos os detalhes da existência cotidiana, que teremos que aprender a resolver cuidadosamente. Estou avançando a hipótese, como muitas outras, de que a crise da saúde prepara, induz, nos incita a nos preparar para as mudanças climáticas. Essa hipótese ainda precisa ser testada.

O que permite que as duas crises ocorram sucessivamente é a súbita e dolorosa percepção de que a definição clássica de sociedade — humanos entre si — não faz sentido. O estado da sociedade depende a cada momento das associações entre muitos atores, a maioria dos quais não possui formas humanas. Isso vale para os micróbios — como conhecemos desde Pasteur -, mas também para a internet, a lei, a organização de hospitais, a logística do estado e o clima. E, é claro, apesar do barulho em torno de um “estado de guerra” contra o vírus, isso é apenas um elo de uma cadeia em que o gerenciamento de estoques de máscaras ou testes, a regulamentação de direitos de propriedade, hábitos cívicos, gestos de solidariedade, importam exatamente na definição do grau de virulência do agente infeccioso. Uma vez que toda a rede da qual ele é apenas um elo é levada em consideração, o mesmo vírus não age da mesma maneira em Taiwan, Cingapura, Nova York ou Paris. A pandemia não é mais um fenômeno “natural” do que são as fomes do passado ou a atual crise climática. A sociedade há muito que ultrapassou os limites estreitos da esfera social.

Dito isto, não está claro para mim que o paralelo vá muito além. Afinal, as crises de saúde não são novas e a intervenção rápida e radical do Estado não parece ser muito inovadora até agora. Basta olhar para o entusiasmo do presidente Macron em assumir a figura de chefe de Estado que ele tão pateticamente carecia até então. Muito melhor do que ataques terroristas — que são, afinal, apenas negócios policiais — as pandemias despertam nos líderes e no poder uma espécie de senso evidente de “proteção” — “temos que protegê-lo”, “você tem que nos proteger” — que recarrega a autoridade do estado e permite que ele exija o que de outra forma seria enfrentado com tumultos.

Mas esse estado não é o estado do século XXI e das mudanças ecológicas; é o estado do século XIX e do chamado biopoder. Nas palavras do falecido Alain Desrosières, é o estado do que é corretamente chamado de *estatísticas*: gestão da população em uma grade territorial vista de cima e liderada pelo poder de especialistas. **[1]** É exatamente isso que vemos ressuscitar hoje — com a única diferença de que é replicada de uma nação para outra, a ponto de se tornar mundial. A originalidade da situação atual, me parece, é que, ao ficar preso em casa enquanto lá fora há apenas a extensão dos poderes policiais e o barulho das ambulâncias, nós estamos encenando coletivamente uma forma caricaturizada da figura da *biopolítica* que parece ter vindo direto de uma palestra de Michel Foucault. Incluindo a obliteração dos muitos trabalhadores invisíveis obrigados a trabalhar de qualquer maneira, para que outros possam continuar a se esconder em suas casas — sem mencionar os migrantes que, por definição, não podem ser isolados em nenhuma casa própria. Mas essa caricatura é precisamente a caricatura de um tempo que não é mais nosso.

Existe um enorme abismo entre o estado que é capaz de dizer “eu protejo você da vida e da morte”, ou seja, da infecção por um vírus cujo rastreio é conhecido apenas pelos cientistas e cujos efeitos só podem ser entendidos através da coleta de estatísticas, e o estado que ousaria dizer: “Eu os protejo da vida e da morte, porque mantenho as condições de habitabilidade de todas as pessoas vivas das quais você depende”.

Pense nisso. Imagine que o Presidente Macron tenha anunciado, em tom Churchilliano, um pacote de medidas para deixar as reservas de gás e petróleo no solo, impedir a comercialização de pesticidas, abolir aração profunda e, com suprema audácia, proibir aquecedores externos em terraços de bares. Se o imposto sobre o gás desencadeou a revolta dos coletes amarelos, imagine os tumultos que se seguiriam a esse anúncio, incendiando o país. E, no entanto, a demanda para proteger o povo francês para o seu próprio bem e também da morte é infinitamente mais justificada no caso da crise ecológica do que no caso da crise da saúde, porque afeta literalmente todo mundo, não alguns milhares de pessoas — e não por um tempo, mas para sempre.

É claro que esse estado não existe — e talvez felizmente. O que é mais preocupante é que não vemos como esse estado prepararia a mudança de uma crise para a seguinte. Na crise da saúde, o governo tem um papel educacional muito clássico e sua autoridade coincide perfeitamente com as antigas fronteiras nacionais — o arcaísmo do repentino retorno às fronteiras européias é uma prova dolorosa disso. No caso da mudança ecológica, a relação é invertida: é a administração que deve aprender com um povo multiforme, em múltiplas escalas, quais serão os territórios nos quais as pessoas estão tentando sobreviver de muitas maneiras novas, à medida que buscam escapar da produção globalizada. O estado atual seria completamente incapaz de ditar medidas de cima. Se na crise da saúde, são as valentes pessoas que precisam reaprender a lavar as mãos e tossir nos cotovelos, como fizeram na escola primária, no caso da mutação ecológica, é o estado que se encontra em uma situação de aprendizado.

Mas há outra razão pela qual a figura da “guerra contra o vírus” é tão injustificada: na crise da saúde, pode ser verdade que os seres humanos como um todo estão “lutando” contra vírus — mesmo que eles não tenham interesse em nós e sigam seu caminho de garganta em garganta nos matando sem nem mesmo querer. A situação é tragicamente revertida na mudança ecológica: desta vez, o patógeno cuja terrível virulência mudou as condições de vida de todos os habitantes do planeta não é o vírus, é a humanidade! Mas isso não se aplica a todos os seres humanos, apenas àqueles que fazem guerra contra nós sem declarar a guerra contra nós. Para esta guerra, o estado nacional está tão mal preparado, tão mal calibrado, tão mal projetado quanto possível, porque as frentes de batalha são múltiplas e atravessam cada um de nós. É nesse sentido que a “mobilização geral” contra o vírus não prova de forma alguma que estaremos prontos para a próxima. Não são apenas os militares que estão sempre uma guerra atrás.

Mas, enfim, nunca se sabe; um tempo de Quaresma, seja secular ou republicano, pode levar a conversões espetaculares. Pela primeira vez em anos, um bilhão de pessoas, presas em casa, encontram esse luxo esquecido: tempo para refletir e, assim, discernir o que normalmente e desnecessariamente os agita em todas as direções. Vamos respeitar esse longo, doloroso e inesperado jejum.

26 de março de 2020

[1] Alain Desrosières, *The Politics of Large Numbers: A History of Statistical Reasoning*, trans. Camille Naish (Cambridge, Mass., 2002).

1. Disponível em <https://medium.com/@garcez.joaop/bruno-latour-isto-%C3%A9-um-ensaio-geral-8b6e63a19250> Acesso em 29mar2020. Original em: <https://www.lemonde.fr/idees/article/2020/03/25/la-crise-sanitaire-incite-a-se-preparer-a-la-mutation-climatique_6034312_3232.html> - Versão em inglês: <https://critinq.wordpress.com/2020/03/26/is-this-a-dress-rehearsal/> [↑](#footnote-ref-2)